

ANÁLISE DO PERFIL DOS AGRESSORES NA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA CIDADE DE RIO NEGRINHO/SC SOB UMA ÓTICA SOCIAL/CULTURAL

ANALYSIS OF THE PROFILE OF AGGRESSORS IN DOMESTIC VIOLENCE IN THE CITY OF RIO NEGRINHO/SC FROM A SOCIAL/CULTURAL PERSPECTIVE

Weslei Pauli¹

Resumo

O presente artigo tem por finalidade traçar e estudar o perfil dos homens agressores de violência doméstica na cidade de Rio Negrinho-SC, onde a guarnição da rede catarina de proteção à mulher da Polícia Militar atende. Para esse objetivo, foram lidos os boletins de ocorrência realizados pelas vítimas de violência e que conseguiram medidas protetivas de urgência contra os seus agressores no ano de 2022. É possível captar pelos relatos das vítimas nesses boletins as características em comum desses homens violentos, sendo, assim, possível traçar um perfil. Além disso, o presente estudo visa discutir o tema da violência doméstica, tema esse que vem aumentando de interesse e importância para a comunidade científica e para a sociedade no geral, visto que pode acarretar vários problemas sociais, não somente para os envolvidos. Dessa forma, é fundamental entender o porquê desses homens demonstrarem certos comportamentos violentos em determinadas situações e com pessoas de seu convívio doméstico. Para isso, esta pesquisa buscou nos estudos da dominação masculina e no conceito de patriarcado como certos comportamentos são transmitidos de geração em geração. Em relação à dominação masculina, o sociólogo Pierre Bourdieu (1930 - 2002) demonstrou que é por meio de comportamentos aprendidos e aceitos socialmente que a violência acontece e se perpetua. Já a historiadora Gerda Lerner (1920 - 2013) apresenta os estudos sobre o patriarcado, conceito importante para os estudos da dominação dos homens e sobre como esse sistema social surgiu e está presente até os dias atuais.

Palavras-chave: violência doméstica; gênero; dominação; patriarcado; machismo.

Abstract

The purpose of this article is to outline and study the profile of male perpetrators of domestic violence in the city of Rio Negrinho, Santa Catarina, Brazil, where the garrison of the Catarina Military Police Women's Protection Network serves. To this end, we read the police reports filed by victims of violence who obtained emergency protective measures against their aggressors in 2022. In these reports, it is possible to identify common characteristics of these violent men based on the victims' accounts, which allows for their profiling. Additionally, this study aims to discuss the issue of domestic violence, a topic that has gained increasing interest and importance for the scientific community and society in general, as it can lead to various social problems, not just for those involved. Therefore, it is essential to understand why these men display certain violent behaviors in certain situations and towards people in their household. To this end, the study examined the concept of male domination and the phenomenon of patriarchy, with the intention of identifying how certain behaviors are transmitted from one generation to the next. In relation to male domination, sociologist Pierre Bourdieu (1930-2002) demonstrated that violence occurs and is perpetuated through learned and socially accepted behaviors. Historian Gerda Lerner (1920-2013) presents her studies on patriarchy, an important concept in the study of male domination and how this social system came about and is still present today.

Keywords: domestic violence; gender; domination; patriarchy; machismo.

1 Introdução

¹ Policial Militar do Estado de Santa Catarina. Pós-graduado em EaD em Ensino de História e Geografia e suas Linguagens pelo Centro Universitário Cesumar (UniCesumar). Graduado em EaD em Administração Pública pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e acadêmico em EaD do curso de Bacharelado em Sociologia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: wweslei2011@gmail.com

O problema da violência doméstica contra as mulheres sempre ocorreu na história da humanidade, com violências sofridas de todas as formas, como abuso e escravidão sexual, privação de educação e da vida pública, agressões físicas e psicológicas, feminicídio, dentre outras. Dessa forma, com o avanço de políticas públicas, de novos arranjos jurídicos e da conscientização de toda a população para o combate desse problema social, esse fenômeno começa a assumir um lugar de destaque também no discurso científico, suscitando, ao longo dos últimos anos, o interesse de múltiplos públicos (Matos, 2006 *apud* Caldeira, 2012).

Muitos estudos foram e continuam sendo feitos sobre essas mulheres, sobre a sua luta por igualdade e proteção, e sobre como a violência acontece, portanto, é fundamental entender também o papel e a importância do homem agressor nesse processo. Dessa forma, segundo Caldeira (2012), a compreensão que temos do agressor, o seu comportamento agressivo, o porquê de alguns recorrem a esse tipo de comportamento violento e outros não, é de fundamental importância. Já há estudos que dizem que uma parte substancial da vitimização no contexto da violência doméstica poderá ser evitada com uma melhor compreensão do comportamento do agressor e das variáveis que poderão de alguma forma, ajudar a antecipar e prevenir esse tipo de comportamento agressivo (Caldeira, 2012).

São variadas as formas como esses estudos acontecem, pois o comportamento pode englobar uma série de pesquisas, que vão desde a parte clínica/psicológica até a cultural/social. Este artigo procura explorar a parte cultural/social, no sentido da frase da filósofa Simone de Beauvoir (1908 - 1986), “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, mas pensando no papel do homem na sociedade. Parafraseando a referida filósofa, pode-se dizer que “Não se nasce homem, torna-se homem” e, sendo assim, surge o questionamento: o comportamento agressivo do homem contra a mulher também é apreendido socialmente/culturalmente? O comportamento agressivo faz parte do “tornar-se homem”?

Muitas teorias surgiram para entender o papel social do homem e da mulher na sociedade. Dentre elas, a dominação que o homem exerce sobre a mulher, em estudos do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930 - 2002); o surgimento do conceito de patriarcado, estudado pela historiadora austríaca Gerda Lerner (1920 - 2013); e, no Brasil, estudos do patriarcado e da organização social advinda de Portugal com a colonização, expostos principalmente por Gilberto Freyre (1900 - 1987) no clássico livro *Casa-Grande & Senzala*. A dominação masculina e o conceito de patriarcado são fundamentais para a compreensão da atual conjuntura da violência doméstica, pois esse é um sistema em que os homens e as mulheres têm seu papel bem definido e socio-historicamente construído.

Além disso, nas palavras de Aguiar, “diferentes momentos históricos corresponderiam distintas formas de organização patriarcal, sendo este um fenômeno variável. A tarefa acadêmica reside exatamente em analisar essa variabilidade histórica” (2000, p. 324). Sendo, então, o patriarcado mutável durante o passar do tempo, o comportamento que os homens aprenderam como sendo o ideal e normal também tende a mudar e períodos de mudanças causam períodos de crise. Assim, surge uma questão: será que se pode explicar o comportamento violento de muitos homens desencadeados por essas mudanças? Não sabendo qual o seu papel na atual conjuntura histórica, será que muitos homens irão recorrer à violência para se manterem como dominadores?

Este artigo não pretende encerrar o assunto, mas contribuir para análise social/cultural desse problema, para isso foi realizada uma pesquisa empírica e bibliográfica envolvendo as mulheres vítimas de violência doméstica sob a tutela do poder judiciário. Essa tutela pode ocorrer por medidas protetivas de urgência contra seus ex-companheiros agressores, então analisamos os casos que a Polícia Militar do estado de Santa Catarina teve de acompanhar no ano de 2022. Nessas medidas protetivas de urgência, foi possível captar como o comportamento agressivo do homem se manifesta. Delas se pode retirar várias características específicas dos comportamentos agressivos e assim comparar com as características do patriarcado e do comportamento machista adquirido ao longo dos anos pelos homens — comportamentos que eram, ou ainda são, considerados normais —, além de expor fatores externos que potencializam o comportamento agressivo, como o uso abusivo de álcool e/ou drogas ilícitas.

Portanto, o estudo da dominação masculina e do conceito de patriarcado é uma ferramenta histórica e analítica necessária para enfatizar e explicar as desigualdades de gênero e o comportamento violento dos homens contra as mulheres (Sousa, 2014). Fica evidente, nesta introdução, que, segundo Aguiar, “a violência contra mulheres e a impunidade, como legítima defesa da honra masculina, consiste em outra indicação de relações patriarcais” (2000, p. 305). Para corroborar ainda mais, nas palavras de Lerner, “quantas meninas já não ouviram que ‘papai não gosta’ de garotas insubordinadas? No patriarcado, a rebeldia é tida como mau comportamento” (2019, p. 17) e sendo um mau comportamento, caberia algum tipo de punição? A violência masculina nesses casos se justificaria?

2 A violência doméstica como problema de ordem social/cultural

Nesta primeira parte do artigo, serão debatidos os vários autores que, em suas visões e estudos, irão mostrar como o comportamento violento de certos homens é influenciado pela

cultura e pela tradição. É importante frisar que, como nas palavras de Caldeira (2012), a violência doméstica ganha uma grande proporção, sendo vista como um problema social e de segurança pública, não sendo mais considerada como algo isolado e pontual, dessa forma ganham importância os estudos científicos nas mais diversas áreas de conhecimento.

Primeiramente, é importante definir o que é a violência doméstica, para assim começar a identificar o comportamento violento desses homens e descortinar o papel que a cultura e o meio social têm como influência e causa nesse comportamento. Segundo Caldeira, a violência doméstica é o “exercício da força física e do poder sobre o outro, normalmente visando controlar, retirar poder e/ou agredir, que ocorre nos relacionamentos de intimidade, parentesco, dependência ou confiança” (2012, p. 07). No caso específico desta pesquisa, está em análise o comportamento dos homens agressivos e violentos contra as suas companheiras mulheres, visto que a violência doméstica pode ocorrer de outras formas, como, por exemplo, de pais para filhos e vice-versa. Ainda sobre a violência doméstica, Cook e Dickens (2009 *apud* Caldeira, 2012) dirão que esse é um fenômeno universal, não sendo específico de determinada região, cultura, etnicidade ou fatores externos como o nível econômico do casal.

Em um primeiro momento de análise, deve-se deixar clara a diferença biológica dos sexos, ou seja, entre o corpo masculino e o corpo feminino, sendo essa diferença uma das principais justificativas naturais para os diferentes comportamentos sociais (Bourdieu, 2012). Com papéis sociais bem definidos, a violência doméstica aparece influenciada por normas e crenças de que o homem deve dominar e subordinar a mulher às suas vontades, levando os elementos do sexo masculino a cometerem atos violentos contra os elementos do sexo feminino (Caldeira, 2012). Ainda sobre essa divisão dos sexos, Bourdieu dirá que:

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (Bourdieu, 2012, p. 17).

Ou seja, a divisão dos sexos parece ser algo natural e não mutável e é incorporada pela sociedade por meio da cultura e pela transmissão dos comportamentos ditos “normais”. Um dos meios de transmissão dessas normas é o patriarcado, um sistema que surge já nas primeiras comunidades humanas, que alimenta as normas culturais vigentes e é alimentado e construído por essas mesmas normas. Segundo Tiburi:

o patriarcado é o sistema social vigente [...] que privilegia alguns grupos e colocam outros à margem. Os privilegiados, neste caso, são os homens, pois vivem em uma sociedade machista, e é a partir deles que os valores do mundo são impostos às mulheres (Tiburi, 2018, *apud* Stremel, 2020, p. 33).

A autora complementa afirmando que o machismo é uma forma de preconceito que o homem utiliza para dominar e controlar a mulher (Tenorio, 2019). Ainda sobre o surgimento do patriarcado, Lerner dirá que “o período do ‘estabelecimento do patriarcado’ não foi um ‘evento’, mas um processo que se desenrolou durante um espaço de tempo de quase 2.500 anos, de cerca de 3100 a 600 a.C. no Antigo Oriente Próximo” (2019, p. 29). Portanto, desde as primeiras aglomerações humanas, a divisão entre os sexos se evidenciou e o sexo masculino se sobrepôs ao feminino. Por ser uma situação tão antiga quanto a história da humanidade, ela parece ser algo imutável, porém, sendo uma construção cultural e histórica, é passível de mudanças.

Sendo o patriarcado um sistema que se prolonga ao longo do tempo, na atualidade ainda se têm algumas características desse sistema preservadas, como, por exemplo, no ato de os homens possuírem amantes e na restrição desse mesmo comportamento para as mulheres (Aguiar, 2000), o que ficará evidente na análise feita dos dados da pesquisa aqui estudada e discutida no item 5.1. No Brasil, um dos principais autores que irão analisar o patriarcado é Gilberto Freyre, demonstrando que o sistema patriarcal se instalou como uma estratégia de colonização de Portugal, tendo como base a família rural nos grandes engenhos de cana-de-açúcar (Freyre, 2006, *apud* Sousa, 2014).

Uma das formas de se propagar o comportamento violento e o machismo é quando uma criança vira testemunha ou ela própria é vítima dessas violências por parte dos pais (aqui cabe para o papel de pai e de mãe), pois ela irá crescer e absorver esse comportamento como sendo normal para a resolução dos seus conflitos e irá reproduzir esse comportamento (Caldeira, 2012). Além disso, segundo Tenório (2019), o machismo é composto por uma série de atitudes de desvalorização do papel da mulher arraigadas no cotidiano das pessoas como sendo normais e sendo, dessa forma, imperceptíveis, esses comportamentos são repassados para as crianças como sendo normais no processo de sua educação. Segundo Shook *et al.*, “vários estudos vêm confirmar essa hipótese, explicando que existe uma associação entre a observação de comportamentos violentos e a sua reprodução e manutenção” (2000 *apud* Caldeira, 2012, p. 05) e como as regras sociais são repassadas pela tradição, elas se impõem ao cotidiano regulando a vida em sociedade e, também, por consequência, a violência doméstica (Aguiar, 2000).

Entender esse processo é fundamental, segundo Tenório, pois:

Subverter tais costumes e convenções, em nossa sociedade patriarcal e heterossexista, coloca em “risco” e “bagunça” as funções sociais que seriam “naturalmente” destinadas a cada pessoa, de acordo com o sexo atribuído em seu nascimento (Tenório, 2019, p. 11).

Esse “risco” e essa “bagunça” colocam em xeque a dominação masculina e a submissão feminina, duradoura na ordem social que se impõe às mulheres e, também, aos homens (Bourdieu, 2012). Entender as mudanças que o feminismo vem trazendo para a emancipação das mulheres provoca essa desestabilização da ordem vigente, colocando alguns homens fora do seu comportamento “normal” e os desestabilizando, fazendo surgir o comportamento violento como forma de resolver problemas. Segundo Caldeira (2012), esse comportamento afeta principalmente a família e a comunidade, potencializando outras formas de violência que envolvem a segurança pública e a esfera judicial.

O entendimento de como a dominação masculina acontece, segundo Bourdieu (2012), se dá à custa de um extraordinário trabalho coletivo de socialização para justificar e normalizar as identidades masculinas e femininas, bem como as arbitrariedades que essa lógica encarna nos hábitos sociais. Entender isso é fundamental para, nas palavras de Caldeira, “prevenir, prever e explicar o complexo fenômeno que é a violência doméstica, sendo que os debates sobre este mesmo tema continuam a ser uma constante no nosso dia a dia” (2012, p. 06).

3 A dominação masculina segundo Pierre Bourdieu

A dominação masculina é uma questão que percorre parte da produção do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930 - 2002), tendo ele escrito um livro homônimo em que realiza uma pesquisa etnográfica sobre a sociedade Cabila na Argélia, durante as décadas de 1950 e 1960. Ele buscava entender como a dominação masculina se manifesta, não só nas estruturas, mas nos valores e esquemas mentais das pessoas que são historicamente repassados (Silva; Silva; Nogueira, 2019).

A dominação masculina se constrói na prática, segundo Bourdieu (2012), não como um ato intelectual consciente e livre de apenas um único sujeito, pelo contrário, ela é o resultado de uma luta de poder que acontece na sociedade. Nessa luta, a busca por dominar o corpo do outro está em jogo por esquemas de percepção de hábitos que são internalizados nas condutas das pessoas na sociedade. Ainda falando sobre esse comportamento, Silva, Silva e Nogueira (2019) dirão que são comportamentos construídos socialmente e incorporados aos corpos e mentes das pessoas e que a partir desses comportamentos se constrói a estrutura da sociedade. Essa, por sua vez, irá orientar as atitudes e tomadas de decisões.

Esses comportamentos, segundo Bourdieu (2012), irão exercer certa pressão nas pessoas fazendo com que esses comportamentos ganhem o consentimento daqueles que o reproduzem e, também, daqueles que se submetem por meio de esquemas de percepção e avaliação. Ou seja,

o comportamento machista, ou de dominação do homem contra a mulher, é construído socialmente e aceito, pois, se o homem não agir dessa forma, sofrerá a pressão social e se a mulher não se submeter também sofrerá sanção. Os exemplos desses comportamentos são vários, como o homem tendo que ser o “dono e provedor do lar” (se não for, será reprovado socialmente) e a mulher submissa e “mãe de família” (se não for, será reprovada socialmente). Esses exemplos mostraram que os comportamentos são construídos pela educação e pelos hábitos, sendo repassados de geração em geração (outros comportamentos serão analisados na sessão de análise dos dados da pesquisa no item 5.1).

Segundo Silva, Silva e Nogueira “esta ordem estabelecida se impõe como natural, mascarada por sistemas de classificação e estruturas mentais ajustadas às estruturas sociais” (2019, p. 6) e é com esse “adestramento” dos corpos que a ordem se impõe como comportamento “normal” (Bourdieu, 2012). Expandido esse pensamento, a sociedade é formada por espaços e locais demarcados por certos tipos de comportamento específicos, que, segundo Silva, Silva e Nogueira (2019), são chamados de microcosmos sociais, ou seja, espaços que a sociedade cria e que são relativamente fixados e que condiciona o comportamento das pessoas que ali se inserem. Um exemplo disso é a própria constituição da casa, ou lar, em que espaços específicos são considerados das mulheres, como a cozinha, e outros dos homens, a sala ou a churrasqueira — espaços onde a mulher deve mostrar toda a sua condição de cuidadora do lar e para o homem um lugar onde ele deve demonstrar toda a sua masculinidade e o tipo “machão” para ser aceito pelo grupo. Para exemplificar ainda mais esse assunto, Bourdieu dirá que:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (Bourdieu, 2012, p. 18).

Portanto, os comportamentos também são moldados conforme os locais em que as pessoas vivem, em uma relação de hábitos apreendidos como corretos nos lugares corretos. Juntando os dois conceitos, dos hábitos corporificados e de lugares específicos para cada tipo de comportamento, Silva, Silva e Nogueira explicam “a produção e reprodução dos gêneros masculino/feminino e a persistência das relações de dominação de gênero” (2019, p. 9). O conceito de gênero (masculino e feminino) está corporificado, ou seja, estruturado internamente

e expresso individualmente nas posturas dos homens e das mulheres. Ele é continuamente realimentado e reforçado pela realidade social, por uma organização social baseada em divisões de gênero, sendo uma experiência histórica (Silva; Silva; Nogueira, 2019).

A dominação masculina se perpetua no tempo, segundo Bourdieu (2012), pela existência de três instâncias fundamentais, quais sejam: a família, a igreja (religião) e a escola. Juntas elas preparam as estruturas da sociedade. Ainda sobre essa estrutura e o papel dessas instâncias, Bourdieu dirá que:

A unidade doméstica é um dos lugares em que a dominação masculina se manifesta de maneira mais indiscutível (e não só através do recurso à violência física), o princípio de perpetuação das relações de força materiais e simbólicas que aí se exercem se coloca essencialmente fora desta unidade, em instâncias como a Igreja, a Escola ou o Estado e em suas ações propriamente políticas, declaradas ou escondidas, oficiais ou oficiosas (basta, para nos convenceremos disto, observar, na realidade imediata, as reações e as resistências ao projeto de contrato de união social) (Bourdieu, 2012, p. 138).

Analisando de uma forma geral, quando se expande os conceitos de Bourdieu, vê-se que a violência se inicia com os comportamentos individuais (hábitos), que são aprendidos socialmente e historicamente, que existem lugares (campos) específicos para cada tipo de comportamento e que a sociedade estruturou três principais instâncias para a manutenção e adestramento dos corpos: a família, a igreja e a escola. Dessa forma, temos a sociedade estruturada e sendo analisada pelo prisma do homem dominador e violento, surgindo outro conceito fundamental e complementar aos do autor francês: o patriarcado.

4 A influência do patriarcado e do machismo na prática da violência doméstica

Neste tópico será discutido o conceito de patriarcado, como ele foi sendo originado ao longo dos anos e a sua ligação com a dominação masculina. O patriarcado, segundo Aguiar, “é um dos conceitos que vem despertando grande produção na literatura intelectual feminista recente e que também tem ocupado um lugar central no pensamento social brasileiro” (2000, p. 303). Tem como definição, nas palavras de Lerner:

a manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral. A definição sugere que homens têm o poder em todas as instituições importantes da sociedade e que mulheres são privadas de acesso a esse poder (Lerner, 2019, p. 322).

Dessa forma, o patriarcado é uma instância maior e que se origina da dominação masculina (já discutido no tópico anterior). Nele, os papéis sociais e os comportamentos

apropriados aos sexos masculino e feminino são expressões dos valores, costumes e se refletem nas leis da sociedade a qual ele é predominante (Lerner, 2019).

No patriarcado, o pensamento de que as mulheres são inferiores ao homem é o normal, sendo essa ideia sustentada pela família, religião, escola e pelas leis, ou seja, é tratado como algo natural dos seres humanos e, como exemplo, pode-se citar o trabalho doméstico como sendo específico da mulher (Lerner, 2019). No Brasil, segundo Sousa (2014), foi Gilberto Freyre (1900 - 1987) que evidenciou o patriarcado, mostrando a condição da vida da mulher conforme a sua classe social ou raça, dando subsídio para o estudo e a consolidação da sociedade brasileira, tanto na vida pública quanto na vida privada.

Lerner aprofunda-se mais no conceito reconhecendo que a “dependência vitalícia que as mulheres tinham de seus pais e maridos estabeleceu-se de forma coercitiva na lei e no hábito, a ponto de ser considerada ‘natural’ e uma dádiva divina” (2019, p. 203), ou seja, a mulher adquire uma “aura” de objeto para os seus dominantes. Como todo ato de dominação não acontece sem a cooperação dos dominados, no patriarcado esse ato fica evidente, dessa forma Lerner (2019) dirá que a “cooperação” das mulheres acontece por diversos meios, como: a separação do gênero; a falta de educação das meninas e mulheres; a falta do estudo da história das mulheres e seus feitos; bem como a própria divisão entre mulheres “respeitadas” e “da vida”. As diversas teorias que analisaram o patriarcado ao longo dos anos afirmam que as mulheres são vítimas por apenas serem mulheres, ou seja, elas vivem essa opressão no seu cotidiano, nas relações íntimas, sendo oprimidas pelos homens independente da sua classe social, como uma experiência de vida (Sousa, 2014).

A explicação que Lerner (2019) dá sobre o início do patriarcado advém da idade da pedra e persiste até os dias atuais, no papel do homem-caçador, com a sua força, habilidade e experiência no uso de ferramentas e armas. Esse homem terá que, naturalmente, proteger a sua família e caberia à mulher somente a maternidade. Lerner afirma, ainda, que “as mulheres são consideradas legal e economicamente inferiores aos homens na narrativa bíblica, e que isso refletia as reais condições da sociedade hebraica” (2019, p. 246). Nesse sentido, cabe reforçar que esses comportamentos, tanto de homens como das mulheres, são sempre repassados de geração em geração e é no aprendizado que as diferenças entre os sexos aparecem, dividindo suas funções e grupos específicos (Tenorio, 2019).

O patriarcado não difere das condições econômicas das pessoas na sociedade, visto que, mesmo as mulheres mais bem abastadas, nascidas em famílias importantes, viam-se dependentes dos homens, sempre buscando uma condição melhor de vida para si e para os filhos (Lerner, 2019). Nesse sentido, no âmbito doméstico, Aguiar (2000) dirá que as mulheres sempre

prestaram serviços aos homens, pois o trabalho fora de casa era a princípio negado, mas que com o passar do tempo se buscou essa conquista, não eliminando o seu trabalho em casa, fazendo surgir assim a chamada jornada dupla (trabalho fora e em casa). Em específico sobre o casamento na antiguidade, com muitas características que ainda persistem, Lerner dirá que “nesse sistema a esposa mora na casa do marido e é completamente dependente de seu sustento. O divórcio é, para a esposa, praticamente impossível de se conseguir” (2019, p. 163), além disso, por mais que os casamentos fossem monogâmicos, os homens podiam ter relações fora do casamento, com meretrizes e escravas (Lerner, 2019). Ainda assim, a família patriarcal sempre foi célula fundamental para a manutenção saudável da comunidade desde a Mesopotâmia até a atualidade, tanto é que a sua influência atravessou a história da humanidade (Lerner, 2019).

A relação entre patriarcado e a violência doméstica acontece, segundo Sousa, quando:

No turismo, tráfico e exploração sexual; no controle do corpo e de sua sexualidade; na participação desigual de homens e mulheres no mercado de trabalho e no trabalho doméstico, bem como a precariedade e a flexibilização que atingem em maior medida as mulheres; nas desigualdades presentes na participação política, na feminização da pobreza, dentre outras expressões (Sousa, 2014, p. 67).

Além disso, para Lerner (2019), o sistema patriarcal e conseqüentemente a violência doméstica, só acontece com a cooperação das mulheres, pois com a ampla e recorrente doutrinação, a privação da educação e a negação da sua história, em que sempre foram separadas entre “respeitadas” e “não respeitadas”, elas foram educadas a cuidarem da família e de seus maridos, não percebendo a sua real situação de exploradas e violentadas.

Ao longo de milênios, as mulheres participam do processo de formação histórica do patriarcado, não porque aceitam a violência e a dominação dos homens, mas porque não lhes deram a devida oportunidade de buscar os seus direitos e liberdade, pois nunca tiveram a consciência da sua verdadeira condição (Lerner, 2019). Além disso, no patriarcado, a mulher é vista como um objeto que pode ser modificado, manipulado e descartado. Sabendo e denunciando essa desigualdade, o patriarcado, nas palavras de Sousa (2014) está longe de ser abolido, porém, devido à luta das mulheres por direitos e reconhecimento, esse sistema está em contínuo processo de atualização e transformação, amenizando os seus efeitos maléficos na vida das mulheres.

5 Metodologia

A pesquisa científica é, segundo Gil, “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (2002, p. 17), portanto quando se busca mais informações sobre um assunto ou objeto de pesquisa, ou quando essas informações estão desconhecidas ou bagunçadas, dispomos da pesquisa científica na sua metodologia para desvendar e/ou organizar as informações. Diante disso, a presente pesquisa está dividida de duas formas: qualitativa, em que foi feita uma revisão bibliográfica sobre o assunto; e outra parte quantitativa, com a tabulação dos dados da pesquisa feita nos boletins de ocorrências. Dessa forma, como Gil (2002) nos descreve, podemos dizer que a presente pesquisa é mista (qualitativa e quantitativa).

Para Mariane *et al.* “com a utilização dos métodos mistos, é possível produzir análises mais completas do problema pesquisado” (2020, p. 03), porém cabe uma descrição do que seriam as pesquisas qualitativa e quantitativa e, nas palavras de Gil (2002), pesquisa descritiva e pesquisa bibliográfica. As pesquisas quantitativas, ou pesquisas descritivas, têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis, para isso utilizam técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (Gil, 2002). Já a pesquisa qualitativa, ou bibliográfica, é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Em quase todos os estudos é exigido algum tipo de trabalho dessa natureza e há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (Gil, 2002).

Diante do que foi exposto, a junção das pesquisas quantitativa e qualitativa é válida para buscar mais detalhes que as pesquisas quantitativas ou qualitativas, sozinhas, não conseguiriam (Mariane *et al.*, 2020). Além disso, a pesquisa de métodos mistos foca nas consequências da pesquisa, de modo a responder amplamente à questão elaborada, além de destacar os métodos usados para elucidar, de maneira sistêmica, o problema estudado (Creswell; Clarck, 2015, *apud* Mariane *et al.*, 2020).

A presente pesquisa utiliza o método misto para traçar o perfil dos ofensores das mulheres que tiveram o acompanhamento pela guarnição da Rede Catarina de Proteção à Mulher da Polícia Militar, na cidade de Rio Negrinho-SC, no ano de 2022. Dessa forma, foi realizada a leitura dos boletins de ocorrência registrados pelas vítimas que compõe a peça das medidas protetivas de urgência. Neles aparecem detalhes dos tipos de crimes e violências cometidas pelos seus companheiros.

Durante todo o ano de 2022, a Rede Catarina de Rio Negrinho-SC recebeu um total de 138 medidas protetivas de urgência, sendo que, desses, foram analisados 79 relatos das vítimas.

Esses boletins são peça fundamental para que o poder judiciário expeça as medidas protetivas, e, além disso, os relatos das vítimas dão detalhes das violências por elas sofridas. Dessa forma, com a leitura dos boletins de ocorrência, foi possível captar pontos em comum dos agressores em todas as ocorrências e dessa forma traçar um perfil em comum para todos os agressores, conforme Tabela 01.

Tabela 01: Principais tipos de crimes perpetrados pelos ofensores

Tipos de crimes/violências	Quantidade
Ameaças	58
Agressivo (lesão corporal)	50
Ciúmes (posseção, não aceita a separação e que a vítima tenha novo relacionamento)	50
Uso abusivo de álcool	20
Xingamentos (injúria, calúnia e difamação)	16
Perseguição	15
Uso abusivo de álcool e drogas	11
Cárcere privado	4
Abuso sexual	4
Traição por parte do autor	2

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos boletins de ocorrência (2023).

5.1 Análise dos dados da pesquisa

Pela análise da Tabela 01, que foi criada a partir da leitura dos boletins, podemos definir os autores como sendo homens violentos e agressivos que, em vários momentos da relação e em momentos de crise, ameaçam e agredem as suas companheiras. Nesse sentido, Caldeira (2012) relata que, em situações como essa, os agressores são indivíduos ansiosos e depressivos, que possuem comportamentos frios, não demonstrando emoções, por isso são dominantes e hostis, chegando a extremos de raiva e agindo por impulso. Como forma de mostrar a sua virilidade, homens acabam sendo agressivos e dominantes. Como afirma Bourdieu (2012), eles devem mostrar a sua masculinidade por parecer um privilégio, porém, quando algo sai da normalidade, o privilégio pode se tornar uma cilada, surgindo tensões e levando o homem a impor a sua virilidade de toda forma, incluindo o uso da violência. Além disso, Caldeira afirma que “os perpetradores de violência doméstica apresentam consistentemente maiores níveis de raiva e hostilidade, tendo em conta medidas obtidas através de várias formas” (2012, p. 26).

Somado ao comportamento violento exposto na Tabela 01, o ciúme também se evidencia no comportamento dos relatos das vítimas. Não sabendo controlar esse sentimento, esses homens acabam por ser extremamente possessivos em relação às vítimas, não aceitando o fim do relacionamento e nem aceitando que a ex-companheira assuma outro relacionamento a ponto de perseguir a vítima em diferentes lugares. Muitos homens adquirem certo comportamento de terror quando se veem em situação de abandono ou estão sendo abandonados, sendo assolados por sentimentos de ciúme intenso, tornando-se “pegajosos” para com as suas parceiras (Caldeira, 2012). Além disso, como disse Bourdieu (2012) muitos homens devem mostrar a sua virilidade para outros homens e mostrar para a mulher o seu lugar de poder no relacionamento, não sendo “permitido” que seja abandonado ou trocado por outro.

O comportamento agressivo e ciumento é agravado pelo fato de que a maioria deles ingere bebidas alcoólicas e/ou faz uso de outro tipo de substâncias psicoativas (maconha, cocaína e crack). Nesse quesito, Caldeira (2012) afirma que são numerosos os casos e estudos em que indivíduos que ingerem elevada quantidade de drogas ou álcool terão maior probabilidade de exercer comportamentos violentos contra as suas parceiras, ou seja, esse consumo serve como um complemento para a violência. Além disso, diferentes tipos de drogas podem elevar ou não o comportamento violento, como, por exemplo, a cocaína, que se consumida pode aumentar e potencializar o comportamento violento (Caldeira, 2012).

Outro ponto que fica evidente é a falta de habilidade em conversar e resolver os problemas de forma amigável, pois muitos utilizam de xingamentos e uso de palavras de baixo calão para ofender as vítimas e resolver os problemas familiares. Além disso, pela análise da Tabela 01, existem casos mais graves, porém esses não são a maioria e não refletem o perfil dos agressores no presente estudo. Casos como de cárcere privado e abuso sexual são graves, porém isolados. Em relação aos abusos sexuais, ou assédios sexuais que essas vítimas sofrem dos próprios companheiros, Bourdieu (2012) dirá que esse ato nem sempre tem por finalidade a posse sexual ou saciar a lascívia do homem, mas apenas confirmar a sua posição de dominador dentro do relacionamento e mostrar para os outros homens. Assim, o homem se firma como um ser masculino, ativo e mostra para a mulher que ela deve ser passiva e aceitar essa situação.

Como forma de ampliar o debate sobre a violência doméstica, Caldeira (2012) dirá em estudos que esses homens agressivos e violentos sofreram, em comum, episódios violentos na infância, ou presenciaram seus pais nessas atitudes, dessa forma acabam por internalizar esses comportamentos se tornando homens também agressivos no geral e cujas crenças sobre a violência são usualmente distorcidas, acreditando que essa é uma forma fidedigna de lidar com os seus problemas.

6 Considerações finais

A violência doméstica, como tratado neste estudo, é também um problema social/cultural. Muito longe de encerrar com o assunto, este artigo mostra que, além de se tratar a violência, ou o comportamento violento, de forma clínica/patológica, o estudo da sociedade, a transmissão de seus comportamentos e a forma de sua organização é fundamental.

Buscar mudanças se torna imperativo, como diz Bourdieu (2012). É importante identificar a função decisiva da reprodução de comportamentos na reprodução das diferenças entre os gêneros e, assim, aumentar o papel de protagonismo e emancipação das mulheres. Além disso, é necessário mostrar para os homens violentos que a mudança de comportamento é fundamental para a manutenção e fortalecimento da composição de uma família saudável e entender que tanto o homem quanto a mulher têm a sua importância e ambos se complementam nas funções familiares.

A “dominação” como princípio cabe tanto para homens quanto para as mulheres, ou seja, ambos podem ocupar espaços de dominação em situações necessárias, se for do desejo de ambos e se for para ajudar na manutenção saudável da família (Silva; Silva; Nogueira, 2019). Porém, é fundamental acabar com certos preconceitos, como a entrada da mulher em certas profissões e posições sociais, e frisar que, nas palavras de Bourdieu (2012), o homem não vai perder a sua virilidade se as mulheres ocuparem espaços antes masculinos e que atitudes violentas para a sua proteção não cabe mais na atual sociedade, que é muito mais esclarecida e repleta de direitos e representações.

Referências

- AGUIAR, N. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 15, n. 02, p. 303-330, dez. 2000. DOI: doi.org/10.1590/S0102-69922000000200006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/cRnvYmPTgc59jggw7kV5F4d/?lang=pt#>. Acesso em: 29 out. 2023.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CALDEIRA, C. T. M. **Perfil Psicopatológico de Agressores Conjugais e Fatores de Risco**. 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) — Ciências Sociais e Humanas, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2012.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LERNER, G. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

MARIANE, F. *et al.* Introdução e condução dos métodos mistos de pesquisa em educação física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 23, 2020. DOI: 10.5216/rpp.v23.59905. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/59905>. Acesso em: 29 out. 2023.

SILVA, A. F. L.; SILVA, M. B. V.; NOGUEIRA, M. J. P. A dominação masculina e as sociogênese das categorias de pensamento: um diálogo entre Pierre Bourdieu e Émile Durkheim. **INTER-LEGERE**, Natal, v. 2, n. 24, p. 219-237, jan./abr. 2019. DOI: 10.21680/1982-1662.2019v2n24ID16461. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/16461>. Acesso em: 02 nov. 2023.

SOUSA, R. M. Casa-grande e Senzala e o patriarcado: um diálogo crítico com a teoria feminista. **Emancipação**, Ponta Grossa-PR, v. 14, n. 01, p. 61-72, mar. 2014. DOI: 10.5212/Emancipacao.v.14i1.0004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5014955.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2023.

STREMEL, A. **Teorias Sociológicas Feministas: uma breve introdução**. Curitiba: InterSaberes, 2020.

TENÓRIO, E. M. **Assistente Social no combate ao preconceito: machismo**. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social - CFESS, 2019.